

TOGA e literatura

Revista cultural do Amapar
Agosto 2015 - #12



Artigos
Crônicas
Músicas
Pinturas
Poesias



Amapar 58 anos

Idealismo, dedicação e trabalho

Agosto é um mês pródigo em comemorações. Instalação dos Cursos Jurídicos no Brasil, Dia do Advogado, Aniversário da Amapar, Emancipação Política do Paraná.

Esta edição celebra os 58 anos de fundação da Associação dos Magistrados do Paraná.

Em 2014 inauguramos a sede própria, Amapar e Judicemed, num edifício original, moderno, espelhado, montado internamente em estilo aquário, isto é, todas as divisórias são em vidro. Aqui estão as imagens do Acervo Artístico, incluindo mobiliário, enfeites, telas e uma interessante escultura. Todas as peças foram adquiridas em galerias ou diretamente do autor pelo magistrado Fernando Ferreira de Moraes e dispostas na entrada principal, espaço cultural no andar térreo e nos escritórios do terceiro andar, decorando os ambientes com peculiar bom gosto, beleza e sobriedade.

O presidente da gestão 1988/91, Francisco de Paula Xavier Neto, empresta seu nome ao complexo. Magistrado brilhante, administrador criativo e arguto, imprimiu novos rumos à magistratura paranaense, promovendo, desde então, a participação da Amapar em questões fundamentais do Poder Judiciário. Presidiu a Associação dos Magistrados Brasileiros na Gestão 1992/93.

A tela da contracapa é de autoria do presidente Frederico, artista plástico e escultor. Magistrado desde 1998, mestre em Direito, julgou nas comarcas de Nova Londrina, Umuarama, Foz do Iguaçu, Curitiba e Maringá, onde é titular da 1.ª Vara da Fazenda Pública.

Reverenciamos o único Herói da Pátria Paranaense (reconhecido oficialmente), o Barão do Serro Azul, personalidade instigante e digna, nas palavras de Noeval de Quadros. E, também, o causídico e mestre paranaense Vieira Netto, orador de nomeada, como afirma Munir Karam, atual presidente da Academia de Letras Jurídicas.

A artista Maria Ângela Tassi Simões Teixeira nos brinda com seus vidros fundidos, renovação em seu trabalho artístico. Ironia e perspicácia no rol de trovas de autoria do magistrado Hermes Ribeiro da Fonseca. As delicadas lembranças de Nancy Basgal Pessoa estampam memorável relato de grande significação para os curitibanos sobre a famosa Fábrica de Chocolates Basgal.

O Sersocial caminha para a independência financeira, com a dedicação e liderança dos juízes Joel Pugsley e André Carias de Araújo.

E uma filha, representando todas as filhas de juiz, sensibiliza o pai no momento de sua assunção ao cargo de desembargador.

Os funcionários da Amapar, Judicemed e Escola da Magistratura, fotografados com o presidente Frederico Mendes Junior e seus diretores, recebem nosso agradecimento pelo apoio e colaboração em todos os empreendimentos.

Esperamos que o leitor aprecie esta edição, conheça a Amapar em fotos e venha nos visitar.

Boa leitura.

Chloris Elaine Justen de Oliveira ✍
Editora

EXPEDIENTE

TOGA E LITERATURA

Caderno Cultural da Associação dos Magistrados do Paraná

Fundada em 18 de fevereiro de 2008 – Resolução N.º 67/2008

Presidente da Amapar: Frederico Mendes Júnior • **Diretora do Departamento de Memória e Arquivo e Editora:** Chloris Elaine Justen de Oliveira • **Jornalista Responsável:** Marco Medeiros - Drt/PR 3364 • **Edição, projeto e produção gráfica:** M.Medeiros - Editora e Comunicação Ltda. • **Revisão:** Danda Coelho • **Tiragem:** 1500 exemplares • **Colaboração:** Rômulo Cardoso, Darbi Wolf, Alessandra Scremin, Leydiane Loiola, Irineu Wlodarczyk e Jeremy Wu • **Fotos:** Arquivo Pessoal.

Associação dos Magistrados do Paraná - Amapar

Rua Alberto Folloni, 541/543 - Juvevê - 80.540-000 - Curitiba - PR -
 Telefones: (41) 3017-1600 e 3017-1601.

A Revista **Toga e Literatura** não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, sem a prévia e expressa autorização de seus editores.





Preservação e continuidade de nossa história

Neste momento, em que tudo se tornou muito rápido, a tecnologia dominou nossas vidas, encurtou distâncias entre pessoas e países, vive-se uma crise de paradigmas, e saber de onde se veio, como se chegou até aqui, é importante para a preservação e continuidade de nossa história.

Hannah Arendt considera que existe uma brecha, um espaço entre passado e futuro, no qual nossas referências estão esgarçadas e dissolvidas em memórias. Descreve os problemas decorrentes da não recepção, de nossos antepassados, de nenhuma herança de seus conhecimentos: “sem testamento ou, resolvendo a metáfora, sem tradição – que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor – parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão-somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem”.

O conhecimento de nossa memória deve servir ao propósito de conhecermos melhor a nós mesmos, com a utilização emancipatória e libertadora deste conhecimento. Isso implica em mudar modelos, partir dos erros do passado para atitudes diferentes e engrandecedoras no presente e futuro.

A Associação dos Magistrados do Paraná - Amapar, através da “Toga e Literatura” dá sua maior colaboração para a preservação da memória do Poder Judiciário e da magistratura no Estado do Paraná. Nesta edição a professora Chloris Elaine Justen de Oliveira – que é a grande guardiã de nossa memória coletiva, com sensibilidade, esforço e muita dedicação, nos traz matérias exclusivas e cativantes. Aproveitando a apresentação do acervo de obras de arte da Amapar – já existentes e adquiridas no último ano, me fez reviver um momento importante da vida, em que encontrava na arte refúgio, esperança e uma forma de expressar sentimentos.

Um forte abraço,



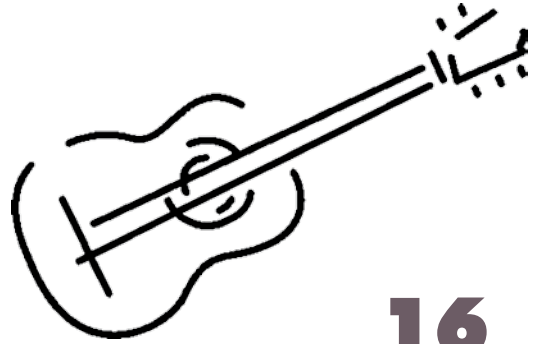
Frederico Mendes Júnior

Presidente da Amapar

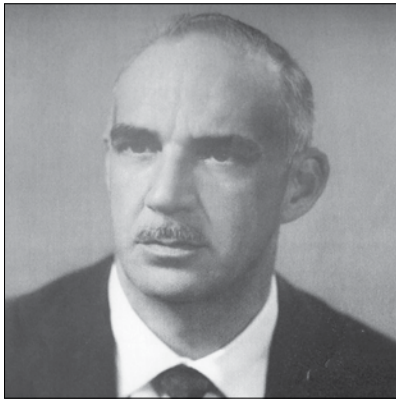
Gestão 2014-2015



6
BARÃO DO
SERRO AZUL



16
TROVAS & TROVOADAS



26
VIEIRA NETTO



36
MINHA
FÁBRICA DE
CHOCOLATES



24
PALAVRAS
CERTAS

32
SENSIBILIDADE
E TÉCNICA



44
A CONSOLIDAÇÃO
DO SERSOCIAL

Pintores

Álvaro Borges Jr.

Alceu Rogoski

Belmiro Santos

Danielle Henning

Érico da Silva

Fernando Calderari

Fernando Ikoma

Frederico Mendes Jr.

José Antônio de Lima

Leon Bosco

Maria Regina Cury

Paulo Gambus

Reginaldo Carvalho

Renê Tomczack

Sidney Mariano

Vinícius Fernandes Silva

55
NOVOS RUMOS



ILDEFONSO PEREIRA CORREIA, o Barão do Serro Azul

*Primeiro herói paranaense a
figurar no Panteão da Pátria*

Por Noeval de Quadros

No Livro de Aço dos Heróis da Pátria, no Panteão da Liberdade e da Democracia, na Praça dos Três Poderes, em Brasília, consta o nome do primeiro paranaense considerado herói nacional: *Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul*.

Em 15 de dezembro de 2008, o Presidente da República sancionou a Lei 11.863, projeto do Senado por iniciativa do Senador Osmar Dias. E o nosso Barão passou a figurar nesse olimpo, ao lado de outros heróis como Tiradentes, D. Pedro I, Almirante Tamandaré, Duque de Caxias, José Bonifácio de Andrada e Silva, Santos Dumont e outros.

A história do Barão é fascinante. Nascido em 06 de agosto de 1845, em Paranaguá, filho de Manoel Francisco Correia Junior e de Francisca Antonia Pereira Correa, era o 11º filho de 14 irmãos. Cresceu



em redor da política. Seu irmão mais velho, Manoel Francisco, ocupou o Ministério do Exterior e foi Senador.

Fez estudos de Humanidades no Rio e com pouco mais de 20 anos instalou-se em Antonina, onde fundou o seu primeiro engenho de erva-mate, após ter estagiado e aprendido bastante em Montevideu e Buenos Aires, que eram os principais centros consumidores da erva-mate brasileira naquela época. Casou-se em 1872 com sua prima, Maria José, a quem chamava *Coca* e tiveram quatro filhos. O êxito dos negócios e a sua visão empresarial fizeram mudar-se, em 1878 para Curitiba, assim que o tráfego por rodovia e estrada de ferro deslocou o eixo econômico do estado do litoral para a região central.

Na Capital, destacou-se rapidamente no comércio, a ponto de ser considerado o maior empresário da Província e maior exportador de erva-mate, substituindo a força de escravos por moderna tecnologia, com o início do uso de separadores, abanadores, compressores e outros inventos que não eram assimilados pelas demais indústrias ervateiras, e passando a usar definitivamente o vapor como força motriz.

Adquiriu, ampliou e modernizou os Engenhos Tibagy e Iguassú, que ficavam na antiga Estrada do Mato Grosso, nos então arrabaldes do Batel, bem próximo de onde hoje se encontra a Pracinha do Batel, com o nome de Fábrica Tibagy-Ildefonso.

Homem à frente de seu tempo teve imenso destaque na Província do Paraná, que há pouco tempo (1853) desmembrara-se de São Paulo e ainda procurava por sua vocação.

Diversificou atividades, investindo em madeiras, fundando a Serraria São Sebastião, nos campos da Roseira, distrito de São José dos Pinhais; Serraria Seis de Agosto, nas matas do Guatupê, distrito de Piraquara; Serraria Volteio, no Miringuava e a Olaria Santo Inácio, nos banhados do Barigui, com grande tino ad-



ministrativo e humano, visando dar emprego à mão de obra ociosa de imigrantes muito pobres que se concentravam naquelas regiões. Era um empreendedor diferente, que não se preocupava apenas com o próprio lucro. Com os frutos da iniciativa empresarial, financiava as atividades de cunho social.

Fundou, em 1881, junto de outros idealistas, o Clube Curitibano, cujo lema era *Malum non Admitte* - não se admite o mal e a finalidade, promover a arte e a cultura do povo paranaense. Foi também o seu primeiro presidente. A sede principal do Clube, na Av. Getúlio Vargas, em Curitiba, leva o nome do Barão do Serro Azul.

Além disso, estimulou o funcionamento do sistema bancário, fundando o primeiro banco comercial do estado, o Banco Mercantil e Industrial do Paraná, sendo o seu primeiro presidente, numa diretoria composta ainda por Joaquim Alves de Araújo e Francisco Fasce Fontana. O mesmo nome foi utilizado para batizar o banco fundado por Avelino Vieira, mais tarde Grupo Bamerindus.

Mudou a mentalidade empresarial, fundando a Associação Comercial do Paraná, da qual foi o primeiro presidente e registrando ali, com o número 1, a sua empresa *Barão do Serro Azul*, em 10 de maio de 1893.

Foi um dos fundadores da Imprensa Paranaense, que trabalhava com litografia e a impressão de folhetos e cartazes, dando oportunidade aos alunos da Escola de Belas Artes para desenvolverem suas aptidões, desenhando estampilhas e selos para os produtos da época. Foi a primeira gráfica paranaense a trabalhar em escala industrial. Essa impressora existe até hoje e atualmente é gerida pela família Schrappe.

Fundou, em 1892, a Escola Tiradentes, ao lado de sua casa, e chamou para dirigi-la a professora Júlia Wanderley, que foi a primeira mulher a ocupar um cargo dessa natureza.

A escola, que inicialmente destinava-se aos filhos dos seus funcionários, atendia de 1ª a 4ª séries e mais tarde passou a acolher as crianças da comunidade, com professores e funcionários custeados pelo próprio Barão.

A escola ficava na Rua do Serrito, atual Rua Presidente Carlos Cavalcanti, ao lado da casa do Barão (hoje Solar do Barão) na esquina onde hoje está localizada a Junta Comercial do Paraná. Mais tarde, a escola foi deslocada para a Rua Presidente Faria, onde hoje funciona o Colégio Estadual Tiradentes, em área também doada pela família do Barão.

Líder político, descendente de família ligada à política, foi vereador, presidente da Câmara Municipal de Curitiba, deputado provincial e presidente interino do Paraná, no ano de 1888.

Em pouco tempo, pela sua ousadia e espírito de inovação, perfil filantrópico e humanitário, o Barão tornou-se muito respeitado e “o centro das decisões políticas e financeiras” do estado, no dizer da historiadora Odah R. G. Rosa.

Auxiliava em tudo quanto podia: fez parte da comissão de obras da construção da Catedral de Curitiba, para a qual contribuiu financeiramente; ajudou na angariação de obras para a Biblioteca Pública Municipal e a antiga Pinacoteca Paranaense; auxiliou na construção do Passeio Público; foi presidente da Associação de Propagação do Mate; foi delegado especial da Instrução Primária, cargo hoje equivalente ao de secretário de Estado da Educação; presidiu o Conselho Fiscal da Caixa Econômica Federal; dirigiu a Associação de Proteção à Infância Desamparada. Abolicionista convicto, arrecadou fundos para a causa da abolição.

Pela sua dinâmica vida empresarial e política, e pela sua alma generosa e humanitária, em 1881 recebeu a Comenda Imperial da Ordem do Rosa, do então imperador D. Pedro II e, sete anos depois, o título de Barão.

Conforme escreveu Maria Helena Marcon, “alma generosa e grande, amando o bem por índole, praticava a virtude normalmente, sem esforço, sem contrariedades, como se isso fizesse parte dos deveres de sua vida.

Homem inteligente e culto, possuía uma preciosa biblioteca, formada de livros na maioria clássicos. Apreciava a arte, principalmente a arquitetura e a escultura.

Mantinha a simplicidade de uma vida mediterrânea. Adorava passear pelos jardins da casa, conduzindo pelas mãos os três filhos, como a despertar-lhes o gosto pela Natureza e pelo milagre da criação. O jardim era a sua vida. As camélias brancas, em especial.(...)

Tinha satisfação em ser útil. A sua bondade fez com que lhe dessem o título póstumo de Pai dos Pobres. (...) Caráter nobre. Homem laborioso. Amigo fiel. (...) Como político, embora pertencesse ao Partido Conservador, foi liberal e patriota. Sem possuir espírito partidário, procurava conciliar e contornar as situações difíceis, embora, muitas vezes, prejudiciais aos seus negócios”.

Desapegado dos seus bens, habilidoso no trato com as pessoas, liderança ímpar a serviço do progresso, o Barão era a pessoa a quem todos recorriam para buscar um conselho ou uma opinião sobre os assuntos de seu interesse.

Quis o destino, porém, que – proclamada a República - irrompesse a Revolução Federalista, em 1894, e que as tropas do caudilho Gumerindo Saraiva marchassem do Rio Grande do Sul em direção ao Rio de Janeiro, para derrubar o presidente Marechal Floriano Peixoto.

No seu caminho, os mais de 3000 homens invadiam as cidades e promoviam a matança dos pica-paus (soldados partidários do governo) ou daqueles que não colaborassem com os princípios da revolução. A forma mais comum de matança era a degola, por isso foram chamados de “gravata colorada”. O Paraná foi invadido e dominado pelas tropas revolucionárias em



três frentes: Paranaguá, Tijucas do Sul e Lapa, dando-se aqui o sangrento episódio conhecido como o “Cercos da Lapa” que custou a vida do General Carneiro, fiel às tropas do governo, e de mais seiscentos outros homens que resistiram ao avanço dos golpistas.

As tropas acamparam próximo à cidade de Curitiba e as autoridades locais fugiram, em busca de reforços. O presidente interino do Estado, Vicente Machado, e o Comandante Militar, general Pego Junior, foram para São Paulo, pela estrada do Assungui, com toda a soldadesca – porque havia boatos de que os revolucionários haviam lhes preparado uma tocaia na estrada do Purunã.

Temia-se a invasão da cidade, com os con-



Residência do ervateiro Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul. A construção teve início em 1880. No Solar do Barão hoje funciona um complexo cultural e abriga diversas funcionalidades da Fundação Cultural de Curitiba.

Ildefonso, então, tomou providências para o policiamento da cidade por voluntários, diante da ausência da guarda oficial e conversou com os revolucionários, que exigiram uma grande soma em dinheiro para deixar a cidade em paz.

Colocado diante de um dilema – saque ou empréstimo de guerra – não vacilou. Aceitou o árduo encargo, lançando o empréstimo que, nas circunstâncias do momento, não poderia deixar de ser compulsório.

Para manter os maragatos “saciados” e as propriedades e pessoas intactas, acertou-se com Gumercindo Saraiva um “empréstimo de guerra”, de 300 contos de réis, adquirido pela Junta Governativa da doação de comerciantes e proprietários. O segundo “empréstimo”, que seria de 500 contos de réis, não atingiu 150.

O Barão não fugiu da cidade, como poderia, para preservar sua família, nem se omitiu. Fez aquilo que a sua consciência de homem preocupado com o bem público determinou que fizesse. Ele não era florianista (de quem criticava as posições tirânicas), nem revolucionário, pois era conservador.

Ao irmão escreveria, em maio de 1894: *‘Tenho consciência de que tudo quanto pratiquei, logo que o nosso Estado foi invadido pelas forças revolucionárias, somente obedeceu aos mais nobres e puros sentimentos. (...) Os tempos são de provações e eu a elas me subordino pacientemente.’*

Essa situação perdurou por mais de dois meses, mas foi importante para que as tropas do governo se remobilizassem e pudessem fazer frente aos revolucionários. Com a restauração da legalidade vieram as medidas de punição para os que tinham contribuído com a Revolução. Crescia o número de suspeitos e

sequentes saques e violações de domicílios, caso não fossem atendidas as exigências dos revolucionários, que precisavam de dinheiro e armas para prosseguir na caminhada para o confronto com as tropas legalistas, em São Paulo ou Rio.

Formou-se uma Junta Governativa e Ildefonso Correia, o Barão do Serro Azul, nessa época presidente da Associação Comercial do Paraná, foi chamado a presidi-la. Procurando cumprir com o seu dever de brasileiro e de homem ligado a não-violência, o Barão disse que *“não consentiria que a população indefesa de Curitiba sofresse a consequência do sítio e do bombardeio, sem empenhar todos os esforços para evitar essa calamidade”*.

de presos. Fora decretado estado de “sítio” e vigia a Lei Marcial.

Os teatros e as escolas foram feitos cadeias, tamanho era o número de pessoas presas por suspeita de terem colaborado com os chamados *maragatos*, comandados por Gumercindo Saraiva. Apesar de ter salvo Curitiba do saque, da destruição e de desdobramentos que sequer se podem imaginar, o Barão não teve a sua atuação reconhecida pelas autoridades do governo. Ele e alguns dos seus amigos e partidários foram julgados como traidores da República, por terem dado dinheiro aos revolucionários. Julgados sumariamente, à revelia das autoridades, foram presos sem processo formal.

No dia 20 de maio do ano de 1894, às nove horas da noite, o Barão e mais cinco prisioneiros foram chamados. Acompanhados por uma escolta de doze soldados, deixaram o presídio. Às dez e meia partiu o comboio da Estação Ferroviária, todos certos de que iriam à Paranaguá e, de lá, de navio, ao Rio de Janeiro, para serem julgados. Mas o trem parou no Pico do Diabo. Lá, no silêncio da noite, ouviram-se tiros, gritos e barulho de corpos sendo arrastados. O Barão do Serro Azul caiu de joelhos e orou. ‘Meus filhos’ – foram suas últimas palavras. Uma descarga cortou-lhe a prece e a vida.

A notícia segura da execução não chegou logo a Curitiba. Somente seis dias depois puderam os amigos das vítimas, com reservas e precaução, ir até o km 65 da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá para enterrar seus mortos.

Ninguém pode, até hoje, explicar o motivo de tão sangrento atentado. Todos os mortos eram cidadãos muito conceituados no Estado do Paraná.

O irmão de Ildefonso Pereira Correia, senador Correia, pediu renúncia de seu cargo junto ao governo do marechal Floriano Peixoto. Nessa oportunidade, o marechal afirmou que jamais dera a ordem para





eliminar Ildefonso e seus amigos. Pelo contrário, mostrou cópia de um telegrama que teria remetido ao Paraná, ordenando que, entrando triunfantes as tropas governistas, na Província paranaense, o governo fosse entregue a Ildefonso Pereira Correia.

O que aconteceu ao dito telegrama nunca se soube. No entanto, o nome de Ildefonso Pereira Correia deixou de ser pronunciado por décadas, até o momento em que se procedeu a um resgate de sua memória, conferindo-lhe os méritos de cidadão honrado, político correto e de espírito cristão.

No período em que a memória do Barão foi praticamente banida dos livros de História, sua família passou muitas dificuldades. Os negócios não mais prosperaram.

Os filhos morreram ainda cedo, antes do resgate do nome do Barão, à exceção do filho caçula. Ifigênia, a primogênita, morreu com 27 anos, Maria Clara morreu com 23 anos, Ildefonso morreu com apenas 11 dias de vida e o quarto filho, também chamado Ildefonso, viveu até os 61 anos de idade. Poeta, dramaturgo, membro da Academia Paranaense de Letras e do Centro de Letras do Paraná, o Barãozinho, como o filho Ildefonso era chamado, deixou versos que revelam a sua profunda tristeza:

Saudade

*“Nos teus olhos havia um triste e doce orvalho
Desse pranto, que agora em meus olhos está...
E deixando cair teus braços de repente,
Disseste à minha mãe esta frase eloquente:
“Pois bem, minha mulher, se alguma coisa
eu valho,
Eu só quero valer para o meu Paraná!”*

*Quanto tempo lá vai!...
E parece-me de hoje essa frase, esse dia!
Que profunda saudade, que agonia!
Por que foi, por que foi que mataram meu pai?”
(1925)*

Frise-se, ainda, que quando o Barão foi executado, sua esposa estava grávida. O bebê nasceu morto.

Apenas a partir de meados do século passado, a memória desse grande homem público, líder político e empresário de larga visão humanista, começou a ser resgatada.

Em Curitiba, há uma rua com o seu nome. Em 1984, a pedido da família, o então prefeito municipal de Curitiba, Maurício Fruet determinou que se corrigisse a grafia do nome, que constava nas placas daquela rua com a inicial “C” de Cerro, quando o correto é “Serro” tal como consta no título que lhe foi outorgado pela Princesa Isabel em nome do Imperador D. Pedro II.

Há dois bustos de Ildefonso Correia na cidade, um na Pracinha do Batel (que era área pertencente à chácara do Barão) e outro, na Rua das Flores, na entrada da Associação Comercial do Paraná.

Aquele que deu a vida pela paz teve o seu heroísmo reconhecido no filme “O preço da paz”, dirigido pelo paranaense Maurício Appel. No elenco, Lima Duarte, Herson Capri e Giulia Gam. Filmado em Castro, Lapa, Ponta Grossa e Paranaguá, obteve do crítico Rubens Ewald Filho o seguinte comentário: *um épico como poucos no cinema brasileiro*. O filme teve trilha sonora gravada pela Orquestra Sinfônica de Berlim e foi escolhido como o melhor longa-metragem na 7ª Mostra de Cinema de Tiradentes e no Festival de Cinema de Gramado, no qual recebeu também os prêmios de melhor direção de arte e melhor montagem.

Pela proteção e impulso que deu ao comércio curitibano e paranaense, Ildefonso Correia, o Barão, foi reconhecido como “Patrono do Comércio Curitibano” (Lei Municipal 8.105/1992) e depois, “Patrono do Comércio do Paraná” (Lei Estadual 18.148/2014).

Em 17 de abril de 2012, o vice-governador do estado e secretário de Educação Flávio Arns firmou convênio com a Associação Comercial do Paraná, para que passe a constar na grade curricular dos alunos da rede pública de ensino fundamental, a história do Barão do Serro Azul.

Há em Curitiba um Centro Espírita com seu nome, perpetuando-lhe a memória benfazeja.

No local de sua residência, erige-se hoje o ‘Centro Cultural Solar do Barão’, entidade que promove várias exposições e cursos para a comunidade, mantidos pela Fundação Cultural de Curitiba.

Comemora-se em 06 de agosto de 2015, 170 anos do nascimento daquele que é o primeiro – e único – herói paranaense a constar no Panteão da Pátria, em Brasília.

É uma justa homenagem a esse homem verdadeiramente extraordinário, cujos atos até hoje são exemplos de probidade, retidão e espírito público, na história da capital do Estado do Paraná e na memória de todos os paranaenses.

Bibliografia consultada:

01. Vargas, Túlio. A última viagem do Barão do Serro Azul, Curitiba: Juruá, 2ª edição, 5ª reimpressão. 2012.
02. Costa, Odah Regina Guimarães. Ação Empresarial do Barão do Serro Azul. Curitiba: Grafipar, 1981.
03. Correia, Leôncio. Barão do Serro Azul. Curitiba: Ed. Dr. Dicesar Plaisant, 1942.
04. Mocellin, Renato. Picapaus & Maragatos, a mais sangrenta guerra civil brasileira. Curitiba, Conceito. 2014.
05. Revista do Centro de Letras do Paraná, número 57, Dez/2011. Ed. especial cm o concurso de monografia: Barão do serro Azul, o homem, o empresário e o herói na História do Paraná.
06. Maria Helena Marcon. Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul. Jornal Mundo Espírita, julho/2012.

Noeval de Quadros

Noeval de Quadros, filho de Walfrido de Quadros e Noêmia Carneiro de Quadros, nasceu no dia 13 de agosto de 1951, na cidade de Castro (PR). Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas da Faculdade de Direito da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Turma 1976.



Em 1980 submeteu-se a concurso para ingresso na magistratura paranaense e tomou posse em 12 de dezembro de 1980. Nomeado juiz substituto na Seção Judiciária, sede Ponta Grossa. Após concurso para titular, exerceu suas funções nas comarcas de Teixeira Soares, Palmeira, Wenceslau Braz, Castro, Maringá e Curitiba, aonde chegou em 1990, ocupando a 2ª Vara de Delitos de Trânsito da Capital, até ser convocado para substituir no Tribunal de Alçada em 1994.

Em 08 de fevereiro de 2000 foi nomeado juiz do Tribunal de Alçada, membro da 3ª Câmara Cível e, no dia 31 de dezembro de 2004, promovido ao cargo de desembargador do Tribunal de Justiça do Paraná, participando da 2ª Câmara Criminal. Eleito corregedor da Justiça em 2010 e corregedor-geral da Justiça para o biênio 2011/12. Escolhido presidente do Colégio Permanente de Corregedores-Gerais dos Tribunais de Justiça dos Estados e do Distrito Federal, no ano de 2012.

Professor da Escola da Magistratura desde 1994, foi diretor-geral da Escola da Magistratura do Paraná em duas oportunidades, gestões 2000/01 e 2004/05. Lecionou no Curso de Administração de Empresas e Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Na Amapar ocupou o cargo de vice-presidente no biênio 2000/01 e presidiu o Conselho Consultivo da Escola Nacional da Magistratura, em 2001.

Foi conselheiro da ESEJE - Escola de Servidores da Justiça Estadual de 2007 a 2012 e membro do Conselho de Supervisão dos Juizados da Infância e Juventude, de 2011 a 2012.

Recebeu o título de cidadão honorário das comarcas de Campo Mourão e de Ponta Grossa, bem como a Comenda do Mérito “Ordem do Pinheiro”, concedida pelo governo do Estado do Paraná e a Comenda do Mérito - Amapar “Des. Alceste Ribas de Macedo”, todos em 2012.

Aposentou-se em 2013. 

Trovas & Trovoadas

Entretenimento

*Um hobby saudável é também
contributo à paz individual que a
fugacidade da vida prestigia, avoca,
assimila e recompensa.*

Por Hermes Ribeiro da Fonseca

AGRADAR

*Um modo fácil de agradar?
O mais sutil que eu já intuí
Cifra-se num simples deixar
Que cada um fale de si.*

AMOR CEGO

*Que o amor é cego é. Aliás,
Amor é de tudo um pouco;
Além de cego, muito mais:
Surdo, mudo, doído e louco!*

SOB MEDIDA

Grande amor, na plenitude,
Agita e queima. Isso é *v u l c ã o* !!!
Quando não, já desilude:
É *chamazinha de l a m p í ã o* !!!

INFIDELIDADE

Deslizou. Tá arrependida?
Sem volta. E sem queixume...
Para mim, rosa colhida
Nunca mais terá perfume!

INSTANTANEIDADE

Coupe de foudre... O que será?
'Um sentimento', eis a pista...
Qualquer francês confirmará:
É 'amor à primeira vista'!

JURAS

Mil amores nesta vida
Vêm e somem... Que loucura!
Em nenhum ví reprimida
Uma coisa: a falsa jura!

CALMA

Contenha-se, criatura.
Acalme seu doído intento:
Breve instante de loucura
Dá eterno arrependimento.

DRENAGEM

Amor, não mais. Entendeu?
Foi-se. Coisa passada!
Deslumbre que se perdeu
Na imensidão do nada!

A VIRADA

Basta, mulher, de mentiras,
Perceba que já me cansei.
Olhos nos olhos, confira,
O sonho acabou: acordei!

AMOR EM CHAMAS

Ame. Nunca poupe emoções.
Altibaixos, não. Só prazer !
O amor, no-lo disse Camões,
"É chama que arde sem se ver"!

A SORRIDENTE

O teu sorriso irradiava
Um mundo de paz, esplendor,
É selo de garantia
Que autentica um grande amor.

ETERNO, SIM.

Sempiterno amor você jurou;
Será eterno, sim, também juro,
Pois meu coração visualizou
Bela silhueta do futuro!

PEDANTISMO

Nada menos duradouro
Que galhardia artificial:
Sapo alçado a um trono de ouro,
Torna apressado ao lodaçal!

ENIGMA

É muito próprio da mulher
Quando em tíques de loucura,
Atormentar quem não a quer
E rifar quem a procura!

AÇOITES

Tristezas... Ah, isto suga;
E as alegrias são raras!
O tempo algoz nos enruga
Tal qual código de barras!

IDADE

Quarenta. Começa a doer.
Reagem muitas, para as quais
Cada ano já passa a ter
Uns sessenta meses...ou mais!

PÃO DORMIDO

Quando o direito envelhece
Na mesa do magistrado,
Seu titular enlouquece
Perdido, desamparado...

BELEZA

Beleza é passageira, sim.
O que não passa é a feiúra.
Aquele some, chega ao fim,
Já, esta, evolui... é sem cura!

DISCURSO

Falar por falar, à toa,
Falar sem sequer convencer,
Dá uma canseira que enjoa:
Nem todo o falar é dizer.

CASAMENTO

Queres casar? Eu previa.
Já tenho, até, um bom plano:
Tu marcarás mês e dia
E eu me encarrego do ano!

CASAMENTO II

Casarmo-nos? Já me antenei
Pra não ser repetitivo,
Algum dia dar-te-ei
Meu 'talvez' definitivo!

MEU 'EU'

Nunca encasquetei ser o bom.
Nem isto ou aquilo. N a d a!
Sou apenas 'eu mesmo', ao som
De uma viola acariciada!

NOITADAS

Casada, muito bem casada,
Ela era, digamos, 'do lar';
Hoje, toda espaventada,
Só saracoteia. É 'do bar'.

O COPIADOR

Há quem chupe ideia alheia,
Sem nadinha de seu pra expor.
Só a si mesmo é que tapeia
Em sendo um reles copião.

GRANDEZA

Se tens afãs de grandezas
Cuída-te pra não caíres
Nalgum pote de incertezas
Que aches lá atrás do arco-íris.

IRRITAÇÃO

O tolo sempre se irrita
Naufragado na tristeza,
Já que a burrice, infinita,
É força da natureza.

O BUROCRATA

O burocrata é campeão
De irracionalidade:
Faz de cada solução,
Nova dificuldade.

DINHEIRO

O dinheiro faz burro voar,
Também galo botar ovos,
Faz até cornudo trocar
Seus velhos chifres por novos...

DINHEIRO II

Dinheiro traz felicidade?
Quem garante? O que dá certeza?
Talvez não traga, é bem verdade,
Mas...que espantinho pra tristeza!

DINHEIRO III

Dinheiro, na verdade,
Faz milagre e vai além:
Não traz felicidade
Mas simula muito bem...

POLÍTICO

Político posa de herói
Quando arromba os cofres da União.
Tomar o que é deles não dói,
É 'reembolso', não 'infração'!

HOMEM

O homem é único animal
Que até sem fome quer comer.
Sem sede bebe, passa mal,
Discursa sem nada dizer.

HOMEM II

Ele era o tal. Dava lições.
Dominava assuntos quaisquer.
Sempre e sempre tinha opiniões,
Tem agora uma mulher!

MULHER

A mulher ama ou odeia.
Meio termo não conhece;
Com sorriso ou cara feia,
Ora encanta, ora aborrece...

MULHER II

Ela é como um banco qualquer.
Há quem decifre a charada?
Banco tem um quê de mulher:
-Morde e já aperta a dentada...

AFINIDADE

Conhecer a namorada?
Será preciso, antes, casar.
E quanto à mulher casada?
- Saberá quem se separar.

LAVA-JATO

Mil lavagens de dinheiro.
Deus do céu! Quanta impureza!
Vai daí que o quadrilheiro
Tem mania de limpeza!

O ELEITO

Mil e tantas promessas fez.
Venceu. Certo, mas...e agora?
Nem pensar - a menos, talvez,
Que abocanhe 'algum' por fora!

O CHORAMINGAS

Vida amarga? Estagnada?
Bolas! Não é o fim do mundo:
Dê uma boa rebohada,
-Pode o açúcar estar no fundo!

FAZENDO HISTÓRIA !

O 'petrolão' causou espanto:
'Companheirada' agiu como quis...
Nunca antes se roubou tanto
Em toda a história do País...

NEVE NO TELHADO

Velhice. O tempo vai e ela vem
Desassistida de consolo...
E já aflige aquele para quem
Pesam as velas mais que o bolo!

NEVE NO TELHADO II

Certas vidas não passam disto:
'Boas fases, fim bizarro'.
- Cacoete ilhado num misto
De saudosismo e pigarro!

MENTIRALHAS

Mente mais que pescador:
Seu peixe de cada dia,
Grande, esbelto, competitivo,
Nem cabe em fotografia!

QUEM SABERÁ?

Digam-me, 'estar vivo' é viver?
Talvez. Viverá quem somar
Dois itens: 'sabor e saber'
- Ou seja, saber saborear!

BALANÇA OCIOSA

Dietas? Cansou. E desistiu.
Entre prantos e fadigas
Ajoelhou-se, orou e pediu:
'Engordai minhas amigas'.

A MAÇÃ

Então Deus criou a mulher;
Ora doce, ora estridente,
Espreita e trama o que quer:
Foi aluna da serpente!

POLÍTICA

Promessa de candidato
Não sensibiliza eleitor
Averso a plano gaiato:
'Quem vê carro não vê motor'.

CARAMBA !

*Se flagro meu pensamento
Pintando o sete com você,
Digo basta! Só um momento
(E volto atrás... Será por quê?).*

ENCANTAMENTO

*O arco-íris vem pra encantar
Mas não te livra, por si só,
Da prévia angústia de enfrentar
Os sobressaltos de um toró.*

AGENTE SECRETO

*É bem nítida a tua armação.
Esse olhar, tão tenso e indiscreto,
Parece - como quê em telão -
Um crachá no agente secreto.*

SONHO BOM

*Sonhei contigo. Bom demais.
Encantou-me o teu sorriso,
O teu carinho e tudo o mais...
Estagiei no paraíso!!!*

EFEITO ÀS AVESSAS

*Não beba com a sogra, Mané.
Tome pileque nas ruas,
Evitando um tiro no pé:
Torrado você vê duas!!!*

TRISTEZA

*Tristeza é telha quebrada:
Cria goteira enervante,
Tal qual lágrima esbanjada.
Oxalá haja alguém que a espante!*

Hermes Ribeiro da Fonseca

Pontagrossense de nascimento, bacharel pela Faculdade Estadual de Ponta Grossa, Turma 1965. Sócio-proprietário das Indústrias Fonseca & Cia. Ltda. e colaborador do jornal Diário dos Campos, ambos naquela cidade. Em 1969, ingressou na magistratura paranaense como juiz substituto e, em 1970, após concurso público, julgou nas comarcas de Prudentópolis, Lapa, Maringá e Curitiba, aonde chegou em 1982. Aposentou-se em 1990. Juiz competente e respeitado, poeta e declamador repentista, cantor e músico criativo, praticante de esportes, principalmente o futebol, que jogava com amigos magistrados e familiares nas comarcas do interior e na capital.



REVELAÇÃO

A verdade é infensa a restos
Pícotados, da mentira,
Já que entre discurso e gestos
Cai a sombra. Sim, confira!

ARDILOSA

Já captei os teus ardís:
Há perfume barato no ar
Se teus pingos caíram dos 'ís',
Só lamento não me lamentar!!!

SENTIMENTOS

Sequestrou meus sentimentos
Apinhados de ansiedades...
Floresceram bons momentos,
Convertidos em saudades!

Ó TEMPORA, Ó MORES!

O 'petrolão' causou espanto;
'Companheirada' agiu como quis...
Nunca antes se roubou tanto
Em toda a história deste País!

FRAGILIDADE

Overdose de mentiras
Tu despejas... Coisa feia!
Acho graça ao ver que piras
Quando caís na própria teia!

MOMENTOS

Momentos bem aproveitados
Ornamentam nossa história
Sendo, então, reverenciados,
Nos regalos da memória.

AS FLORES

Penso em levar-te ao meu jardim.
Vamos lá, meu bem, quero ver
A reação das flores, que enfim
Já poderão te conhecer!

OPINIÕES

No entrechoque de opiniões
Existem, sempre, dois lados:
O nosso, sem quaisquer senões,
E o outro, o dos errados.

LIBERDADE

É tão doce a liberdade
Pra quem nela se recreia,
Mas há tanta deslealdade
Contra a liberdade alheia.

POLÍTICO

Político mente à toa
E sem vergonha na cara.
Entre azinhavres e loas
Suga a fé da massa ignara.



Posse do des. Francisco Eduardo Gonzaga de Oliveira – dia 21 de março de 2015.

Palavras Certas

Por **Gabriela Salamuni Gonzaga de Oliveira**

Fazer amigos nunca foi uma tarefa muito fácil para mim, mas essa semana, enquanto escolhia as palavras que diria quando chegasse este momento, percebi o quanto sou privilegiada. Afinal, eu só precisei nascer pra ganhar o meu melhor amigo. Durante anos nos divertimos juntos, cantando Caetano Veloso ao violão, jogando jogos de tabuleiro, lendo livrinhos de histórias infantis e começando a criar minhas próprias histórias.

Temos inúmeras filmagens de nossas brincadeiras em fitas cassete, além de lembranças que não precisam de nenhum registro para se tornarem inesquecíveis, afinal de contas, como você poderia esquecer daquele aniversário que passou no show do Sandy e Junior, me carregando nos ombros para que eu conseguisse enxergar o palco? Ou quando passava sábados inteiros acompanhando minhas partidas de xadrez no campeonato da escola?

Só um grande amigo faria esse tipo de coisa por

alguém. Ou então, um grande pai. No seu caso, as duas coisas! E apesar de essa época, que hoje parece tão distante, ter passado assim tão rápido, não há motivo para lamentar: o presente e o futuro nos reservam novas formas de amizade e uma união cada vez mais forte. Hoje podemos conversar sobre política, música, filosofia, ler os mesmos livros, rir das mesmas piadas, ir juntos ao show de artistas que os dois gostem.

Hoje, e mais especificamente neste dia de hoje, podemos vibrar juntos com a sua conquista, que por mim foi tão sonhada e tão desejada, tanto quanto foi por você, já que a sua felicidade é também a minha, como costuma acontecer nas grandes amizades.

Parabéns pela sua conquista, fruto da sua dedicação, integridade e correção, que dentre tantas outras características suas, sempre admirei. Que venham agora novos sonhos e novos desafios, afinal são eles que nos movem, e não há motivo para temê-los: você tem aqui uma amiga para lhe ajudar a realizar e vencer cada um deles.



Quebra de protocolo

Minha filha, de tão feliz pela conquista profissional alcançada pelo pai, manifestou à mãe o desejo de fazer uma surpresa e se dispôs a dizer algumas palavras em minha homenagem, por ocasião da posse no cargo de desembargador. Em segredo, sem que eu soubesse, fizeram contato com o cerimonial, consultando sobre a possibilidade de ela se pronunciar na solenidade. O cerimonial respondeu que, em princípio, diante das normas protocolares que devem ser obedecidas nesses atos, tal não seria possível, mas que consultaria o presidente a respeito. A resposta, entretanto, só foi dada no momento da posse, quando o presidente (para minha grata surpresa, eis que desconhecia por completo a iniciativa de minha filha) manifestou que, em caráter excepcional, autorizaria a quebra de protocolo e permitiria que ela discursasse. Não bastasse a alegria e a satisfação pela consideração demonstrada pelo des. Paulo Vasconcelos, fui brindado com um discurso maravilhoso e comovente, no qual ela fez questão de ressaltar a grande amizade que nutre pelo pai. Uma homenagem inesquecível e que ficará eternamente guardada em meu coração.

Gabriela Salamuni Gonzaga de Oliveira

Filha de Francisco Eduardo Gonzaga de Oliveira e Maria Beatriz Salamuni Gonzaga de Oliveira, nasceu em 16 de outubro de 1997 e, recentemente, no início do ano, alcançou aprovação nos vestibulares para o curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Unicamp, Universidade Federal do Paraná e Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Nem preciso dizer que, sem pestanejar, acabou optando por morar no Rio de Janeiro e iniciar o curso de Jornalismo na UERJ, a partir do próximo semestre.

VIEIRA NETTO

A arte do Direito e da Política

Por Munir Karam

Não podemos reverenciar a memória do grande mestre Vieira Netto sem sermos tomados de forte emoção. A figura ímpar do eminente jurista desenrola-se em um plano iluminado pela luz consoladora da saudade, pela qual o nosso pensamento se volta para admirar o espetáculo edificante de uma vida exemplar.

Participamos da iniciativa de sua filha Cecília Maria Vieira Helm, que editou obra póstuma, para perpetuar o prolongamento dessa existência. Se não podemos restituir o sopro que a animava, pelo menos ficarão perenizados os fatos e as emoções daqueles que testemunharam a sua trajetória.

Ficamos inutilmente a imaginar o juízo que faria Vieira Netto sobre os tempos em que vivemos. Com certeza se alegraria em ver transformadas em realidades algumas das conquistas sociais que foram a razão do seu viver. Mas talvez se tornasse intranquilo com essa fase de transição do Direito, onde tantas vezes falta a segurança jurídica.

A black and white portrait of José Rodrigues Vieira Netto, a man with a mustache, wearing a dark suit, white shirt, and dark tie. The portrait is set against a dark background and is part of a book cover. The text is overlaid on the bottom right of the image.

JOSÉ RODRIGUES VIEIRA NETTO

Cecília Maria Vieira Helm

Os romanos definiam o **Direito** como sendo *a arte do bom e do justo*. Para Santo Thomaz de Aquino a **Política** era a *arte de promover o Bem Comum*.

Vieira Netto viveu e praticou o Direito e a Política sempre em busca de um ideal: o da realização da justiça! Era dotado de forte formação jurídica e literária e tinha aguda preocupação com as desigualdades sociais e econômicas. Viveu em uma época de intenso individualismo, em todas as áreas, onde vicejavam as desigualdades, as iniquidades, os privilégios. Não era fácil levantar a voz em defesa de uma sociedade civil mais justa e igual.

Pode-se dizer que a sua presença renovou os ares mais conservadores da nossa Faculdade, colocando em sua pauta a tônica da evolução jurídica para atender aos reclamos sociais. As suas manifestações eram sempre de bom tom e dentro de rigor técnico. Com a sua inteligência racionalizava os debates. Cultivava o bom combate com arte e maestria. Mas em suas aulas o Direito Civil era ministrado como uma sacralidade. Jamais pregara ou insinuara a insubordinação contra a ordem constituída. Em uma aula inaugural, com o auditório da Faculdade lotado, foi acusado publicamente de fazer proselitismo, alteou sua voz e invocou o testemunho de seus alunos presentes, para dizer – sob aclamação – que jamais usara da cátedra para fins políticos.

Conheci Vieira Netto ainda vestibulando em Direito quando defendeu sua tese, em 1956, para conquistar a cátedra de Direito Civil. Naquela época, as defesas de tese eram memoráveis. Na banca que examinou Vieira Netto sobressaia-se a figura maiúscula de Orlando Gomes. Os examinadores eram implacáveis. Vieira Netto defendeu sua tese utilizando o método dialético: **tese** (o direito



**Cecília Maria Vieira Helm -
Imortal da Academia de Letras do
Paraná - Cadeira Nº 39.**

romano: *da responsabilidade pelo fato à exoneração pelo fortuito*), **antítese** (a aceitação do risco, a sua imposição legal e a responsabilidade pela culpa), **síntese** (a ordem social: o risco e a imprevisão convergindo na teoria de abuso do direito). Na introdução da sua tese escreve sobre *a pressão criadora do Direito, que vem de baixo – do devedor mais débil, do obrigado economicamente inferior* – para aplicação da lei com fim mais social, dando-lhe um significado *humanizante*, ideias essas que iriam se refletir no projeto do futuro diploma civil, penetrando nas consciências *para exigir a modificação impreterível das normas do Código no rumo do bem comum e dos fins sociais a que se destina*.

Ao escrever um artigo sobre *A responsabilidade do pai pelo fato do filho*, publicado na Revista dos Tribunais, fui buscar na obra de Vieira Netto a fonte romana das ações noxais.

As suas aulas eram concorridas e ele expunha as matérias de forma prática e objetiva, facilitando a formação jurídica de seus alunos.

Pontes de Miranda, um dos maiores civilistas brasileiros de todos os tempos, autor de um complexo Tratado de Direito Privado, com mais de 50 volumes, não despertava maior entusiasmo dos nossos professores, que não se animavam a enfrentar o pensamento labiríntico do grande jurista.

Vieira Netto, que gostava de desafios, era uma exceção. Estimulava seus alunos ao estudo do Tratado e desde logo fazia verem que era dotado de uma unidade lógica, ao interpretar o Direito em sua dupla dimensão: o mundo das regras e o mundo dos fatos.

Como diretor cultural do Centro Acadêmico Hugo Simas, em viagem ao Rio de Janeiro, convidei Pontes de Miranda para nos brindar com um ciclo de conferências em Curitiba. Aceitou com prazer o convite e, em compa-

nhia de sua esposa, veio à nossa capital, onde permaneceu por uma semana, ministrando um curso sobre *A classificação científica das ações e das sentenças*.

Mas quem haveria de saudar o ilustre mestre? Era tarefa apenas para Vieira Netto. Aceitou com prazer a incumbência. Mas surgiu-lhe um imprevisto que, pela primeira vez, vou tornar público. Para o mesmo dia e hora o Partido Comunista programou um comício na Praça Osório, com a presença do líder Luiz Carlos Prestes. Vieira Netto pediu-me para liberá-lo do compromisso, pois os tempos eram difíceis e sua ausência no ato político poderia ser mal interpretada. Pedi mil escusas ao meu mestre, mas fiz ver que ele era insubstituível. E assim, um tanto contrariado, cumpriu o compromisso anterior, fazendo uma saudação antológica a Pontes de Miranda, onde chegou a extrair e citar dos textos do conferencista palavras por ele criadas para nominar novos fenômenos jurídicos que saiam do seu gênio inigualável.

Participamos juntos da Semana Nacional de Estudos Jurídicos em Fortaleza, em homenagem a Clóvis Beviláqua, com a presença dos mais destacados juristas brasileiros. Mas nada do que foi debatido era novidade para Vieira Netto, sempre atualizado com a temática jurídica.

O ponto mais destacado – e sempre lembrado – da minha gestão como presidente do Centro Acadêmico Hugo Simas, na gestão do jubileu de pérola (1960/61), foi o julgamento de Otelo, célebre personagem shakespeariano, o amante apaixonado de Desdêmona, cujo ciúme mórbido, bem manipulado pela malignidade de Iago, acabaria por levá-lo a cometer o homicídio de sua amada. Consumada a tragédia, tendo descoberto a grande injustiça que cometera, acabou por suicidar-se.

Acalentávamos há muito a ideia de realizar o julgamento de um personagem célebre da literatura mundial.

Como se tratava de fatos tirados de obra de ficção, as melhores galas deveriam ser reservadas a dois grandes criminalistas para a acusação e a defesa, que tivessem também verve literária. Sabíamos que apenas um tênue fio separaria o sucesso do ridículo da empreitada.

E mais uma vez recorremos ao talento jurídico e multiforme de Vieira Netto. Seria ele o acusador! Professor emérito de Direito Civil, dominava também o Penal, onde advogara grandes causas, inclusive no Júri. Além disto, intelectual renomado, gostava de prestigiar iniciativas artísticas e culturais.

A defesa deveria ficar a cargo de um criminalista de renome nacional. Seria um duelo inesquecível! Fui ao Rio à procura de Carlos de Araújo Lima, outro nome ilustre, com obras publicadas. Ficou desde logo entusiasmado com a ideia e aceitou o desafio.

Restava agora acertar com o réu. Paulo Autran foi muito receptivo e concordou em participar do espetáculo, nos trajes típicos de *Otelo*, não para representá-lo, mas para ser julgado.

O local escolhido foi o Teatro Guáira, ainda em construção. Aquela obra inacabada, de tijolos expostos, madeiramentos, tapumes, meia luz, deu ainda um aspecto mais sombrio ao julgamento.

O presidente do Júri foi o desembargador Ernani Guarita Cartaxo, então diretor da Faculdade de Direito. O espetáculo foi televisionado e apresentado por Renê Dotti, recém-formado, mas já surgindo como grande talento na área criminal, além de refinado gosto literário.

Vieira Netto, não se afastando de sua cátedra, deu uma lição de cultura jurídica e literária.

Araújo Lima, advogado no Júri, afastou teorias e divagações, apresentando a realidade palpitante dos fatos e suas circunstâncias.

Mas ambos igualmente notáveis, não apenas como tribunos, senão também como intérpretes, compreendendo que o espetáculo exigia, nos próprios limites do desempenho funcional, uma expressão artística.

Há uma passagem no libelo de Vieira Netto que sempre leio e releio com grande encantamento. Convém transcrever:

“Desdêmona – a frágil e simples criança deste crime – é um ser humano.

Imaginaí ainda que ela não fosse casta, como as estrelas testemunhas – e fiel e amante e pura, imaginaí sobre ela, verdadeiras, todas as torpezas de Iago – todas as dúvidas de Otelo.

Ainda assim como

“o vento que é livre,

“ainda que tudo, o Céu, os homens,

“os demônios se voltem contra mim,

“eu falarei !

Para dizer-vos que Otelo, nem ninguém, pode dispor da vida e da consciência”.

Proclamava Vieira Netto que “se o amor se gastou e pereceu – e mofino, e mesquinho – é a flor fanada que não tem viço nem aroma – a vida pode recomeçar amanhã”.

Uma profissão de fé no sagrado direito à vida, na inviolabilidade da consciência e daqueles que sabem se reconstruir sem a violência da barbárie.

Havia uma grande expectativa pelo final do libelo de Vieira Netto. Condenar *Otelo* a quê? Se o delito não estivesse prescrito, ele próprio se punira com o suicídio. Vieira Netto teve uma saída genial: pediu ao Júri que condenasse *Otelo* a repetir eternamente o seu drama e o seu feito.

Na defesa do réu, Araújo Lima sustentou a tese da coação moral irresistível. A coação viria do entrelaço das forças desencadeadas

Munir Karam



Natural de Curitiba, nascido em 1937. Bacharel na Turma 1962 da Faculdade de Direito da UFPR, presidente do Centro Acadêmico Hugo Simas, gestão 1960/61 e pós-graduado pela

Università di Roma. Ingressou na magistratura paranaense em 1970 e aposentou-se em 2007, no cargo de desembargador do TJPR. Professor adjunto da Universidade Estadual de Maringá, é autor de obras literárias e jurídicas e presidente da Academia de Letras Jurídicas – APLJ.

Exerceu o mandato de primeiro vice-prefeito eleito do município de Campo Mourão, em 15 de novembro de 1968, e os cargos de membro integrante do Conselho de Administração da Copel, no período de fevereiro de 2008 a outubro de 2010, e de diretor presidente da ParanaPrevidência no período de junho de 2008 a dezembro de 2010. Atualmente, dirige o Departamento dos Aposentados da Amapar.

por lago, no espírito e no temperamento do acusado. O ciúme, o sentimento de honra, a crise epiléptica avultaram a pressão coatora, a coação imperativa.

O resultado foi um surpreendente empate de seis votos, que se não fez justiça ao réu pelo menos dividiu igualmente as honras do julgamento entre acusação e defesa, que esgrimiram as ideias com a mesma habilidade, no jogo mágico da dialética forense.

Verificado o empate, o presidente do Júri absolveu *Otelo*, aplicando a máxima *in dubio pro reo*.

Quando o auditório lotado escutou de pé, com respeito religioso, a sentença proferida e aplaudiu com entusiasmo o último monólogo recitado por Paulo Autran, sentimos que a missão estava finda, havendo perfeito entendimento entre cena e plateia.

Vieira Netto foi um grande exemplo de vida que haveria de se projetar nas arcadas da Universidade, onde ocupou o lugar de seu pai, realização do seu sonho permanente, nos foros onde advogou e na política como membro do parlamento estadual.

A pureza e a elevação dos seus propósitos, sempre manifestados em altíssimo nível, certamente desequilibrava aqueles que a ele se opunham com o argumento da força, para procurar abafar a sua voz. Mas isso o fazia ainda maior e mais admirado. A grande lição que nos deixou foi a da sua própria existência, toda ela de uma claridade sem sombra.

Vieira Netto compõe a galeria dos grandes vultos das nossas letras jurídicas. Ele enobrece a família que o teve por patriarca, a instituição jurídica que o teve por *Condottiere* e as arcadas universitárias que o tiveram como mestre. Uma vida como a que ele viveu não tem poente, porque a Ordem dos Advogados e a Faculdade de Direito que são imperecíveis, haverão de lembrá-lo para sempre.

Sensibilidade e técnica

Maria Ângela Tassi Simões Teixeira

Estas fotos são do meu trabalho em vidro fundido. Chama-se “fusing”, vidrofusão. É uma técnica milenar, com mais de 2.000 anos, artisticamente trabalhada à mão. Há uns três anos venho me dedicando a esse tipo de arte. Desenho e pinto em placas de vidro, que apesar da tinta, vão ao forno, podendo ainda ser colocadas em moldes. As peças são criadas a partir da minha sensibilidade, dos meus valores, assim como tudo que produzo em termos artísticos. Algumas peças são utensílios, pratos, saladeiras, *sousplat*, mas que também servem para enfeitar ambientes, vasos, bandejas. Cada peça é única, feita à mão e de difícil reprodução.

Artista plástica criativa e original em seu atelier. Suas telas ilustram obras literárias parananenses. É casada com o des. José Simões Teixeira.



Existe dentro de cada artista a necessidade de expor suas ideias que, abstratas, tornam-se concretas. A publicação deste trabalho vai mostrar minha inspiração e pretendo que se torne um sentimento agradável ao leitor. Continuo pintando em óleo sobre tela, aquarela, giz pastel, com imenso prazer e alegria, como tudo que faço.





Minha Fábrica de Chocolates

*Exemplo de dedicação,
retidão e competência*

*Fechou a Curitiba aonde vivi.
A gurizada de hoje não sabe o que é.
Fechou a Curitiba aonde vivi.
Só não fechou o tempo de guri.
Viu guria? Meu tempo de piá.
Saudades de Curitiba dos meus tempos de guri
Curitiba, querida dos bons tempos, que bom que eu te vivi.
JJ. Publicidade e Marketing*

Por Nancy Basgal Pessoa

Meu pai, Luiz Basgal Junior era um homem de múltiplos talentos. Nasceu em 1912, em Curitiba. Engenheiro Civil pela Escola de Engenharia do Paraná, Turma 1938, construtor de casas, inclusive a sua, fotógrafo amador importava material de revelação para seu próprio estúdio. Fotografias e mais fotografias, muitas delas em álbuns, outras premiadas em concursos, caixas cheias de slides de Foz do Iguaçu e doutras paragens estão bem guardadas em minha casa.



Luiz Basgal Junior e Ethel Staudohar Basgal, em 1940.

*Paulo
Em 16/1/1917
Cassiano
Visto
em 11/1/1917
D. B. B.*



*12/1/1917
Visto
em 12/1/1917
D. B. B.*

Prefeitura da Capital

Curitiba, 19 de Janeiro de 1917.

O Prefeito da Capital, pelo presente alvará
concede licença ao Snr. Luiz Bazzal para abrir uma fabrica de moer
café e fabrica de chocolate a Praça Tiradentes nº 27, sujeito a
abrir e fechar o estabelecimento na forma da Lei.

visto ter exhibido o conhecimento sob N. 121 de ha-
ver pago a quantia de 110\$000 (cento e dez mil reis)

Eu, *Claro Jordão*, Secreta-
rio o subscrovo

O Prefeito

João Antônio Xavier



Artes Graphicas Curitiba



Certidão assinada pelo Prefeito João Antônio Xavier em 1917.



Loja, balcão, vitrines e peças de cristal para acondicionar bombons.

Herdou de meus avós a Fábrica de Chocolates e Bombons Finos Basgal. A loja ficava na Praça Tiradentes, 310, ao lado da Catedral e, nos fundos, a fábrica, que se estendia até a rua Dr. Murici. A partir de 1950, a feitura do chocolate era por conta dele. Preparava cuidadosamente a massa, com produtos da melhor procedência, processando tudo em forno autoclave. O cacau e as amêndoas vinham da Bahia, as essências eram importadas da Alemanha, ele mesmo torrava e moía a fruta, colocando-a para secar num grande lençol branco. A calda era em 'fio'. E, o mais importante, ele próprio dava 'o ponto' no chocolate. Pelas suas mãos, tudo se transformava em deliciosas barras, finos bombons e outras gostosuras que ficaram

na minha lembrança.

Aos 16 anos participou da Revolução de 1930, marchando no Batalhão Patriótico João Pessoa. Além de sofrer as agruras da guerra, foi picado por uma serpente, pegou tifo e passou seis meses acamado.

Em 1940 casou-se com Ethel Staudohar, uma intelectual, pianista concertista, formada pelo *Menzzing Institute*, fluente em três idiomas e que não fazia chocolate. Era encantadora, inteligente e de agradável conversa.

Anteriormente, 1917, meu avô, também Luiz, adquirira uma pequena fábrica de doces da família Paiva. Vieram, no acervo, formas de ferro pesadíssimas, marcadas com o nome Glória, a filha dos Paiva. Então, ele passou a



Interior da Fábrica.

fabricar chocolates, artesanalmente, ovos de Páscoa, barras, bombons, tudo com extremo capricho. Minha avó, Martha Butchk Basgal, era uma artista da arte da confeitaria. Hábil e exímia confeitava os bolos, as tortas e os bombons. Até hoje seus dons culinários são louvados pela família, a sua 'boa mão' é lembrada. Desde aquela época eram feitos os famosos marzipans, uma exclusividade, utilizando-se um tubo fino com êmbolo, de difícil manuseio para os outros, mas minha avó desenhava divinamente os arabescos que enfeitavam os ovos. Os confeitos prateados ou coloridos, processados num tacho de cobre que rodava em grande velocidade, movido por manivela, davam graça e beleza ao trabalho. Quer dizer,

tudo era manual, exigindo paciência e delicadeza. As funcionárias, aprendizes de confeitaria, eram treinadas para copiar os gestos de minha avó e, assim, realizar a tarefa. A enlheação manual, em papel celofane e metalizado, era muito valorizada como finalização do processo. Meu avô Luiz faleceu em 1948 e minha avó Martha em 1953.

Meu pai modernizou a fábrica. Por 35 anos foi o responsável pela manutenção da qualidade e da arte do produto. Para isto adquiriu novas formas em alumínio e em cerâmica para o marzipan, algumas com formato de flores, de frutas, de ovos e de coelhos. Depois da guerra, nos idos dos anos 1950, deu-se ênfase nas comemorações da

Luiz Basgal Junior, Martha Butchk Basgal, Waldemar Basgal e Luiz Basgal.



**Sala de aula na Escola de Engenharia do Paraná. Edifício Central da UFPR.
Meu pai é o quarto da esquerda para a direita.**



Revolução de 1930 – Luiz Basgal Junior (condecorado) e outro cidadão.



Casamento em 1940.

feira de Páscoa, aos ovos de chocolate.

Enquanto durou a fábrica, Luiz Basgal Junior aprimorou a técnica de feitura do chocolate, honrando seus pais com o mesmo capricho e dedicação.

Em março de 1986 a Fábrica de Chocolates e Bombons Basgal fechou as portas da loja e da fábrica. O marzipan, de feitura tão difícil e tão delicada, deixou uma saborosa lembrança na memória afetiva dos curitibanos. E meu pai nos legou um exemplo de dedicação, retidão e competência.

O imóvel foi vendido para a família Demeterco, o maquinário para a Loja ICAB e as formas e tachos, vencidos pela modernidade, simplesmente doados.

Meu pai e minha mãe faleceram num período de tempo de 37 dias, ela em 26 de dezembro de 1992 e ele em 02 de janeiro de 1993, após mais de cinquenta anos de matrimônio.

Nancy Basgal Pessoa

Nasci em Curitiba em 23 de maio de 1948. Fiz jardim de infância, pré-escola, curso primário e ginásial no Colégio da Divina Providência e me formei professora normalista em 1965. Prestei vestibular para o curso de Direito da Universidade Federal do Paraná em 1966 e me formei bacharel em 1970. Estudei piano com minha mãe, inglês em vários estabelecimentos, mas completei o curso na Cultura Inglesa, prestando o exame Lower em 1966. Na juventude pratiquei esportes, natação e tênis. Em 05 de novembro de 1970 casei-me com Miguel Thomaz Pessoa Filho. Tivemos três filhos, Luciana (nascida em 02 de fevereiro de 1974), Ricardo (em 18 de julho de 1977 e falecido em 15 de agosto de 1987) e Renato (em 02 de fevereiro de 1989). E três netos, Mateus, doze anos, Mariana, oito anos e Rafael, quatro anos. Quando meu marido exerceu o cargo de juiz de Direito em Maringá participei, em caráter voluntário, de um programa de atendimento às crianças, na Vara de Menores. Com sua promoção para Curitiba trabalhei no Juizado de Menores e no Departamento Administrativo do Tribunal de Justiça. Em seguida, fui contratada assessora jurídica do Tribunal de Alçada e, depois, no Tribunal de Justiça do Estado do Paraná. Em 2002, após 24 anos de carreira, solicitei aposentadoria proporcional.

Meu maior desejo é manter minha família unida e feliz como até agora Deus o permitiu e bem conviver com os amigos que fizemos durante a vida. Muito obrigada pela oportunidade de contar sobre meus pais e avós e a tradicional Fábrica de Chocolates Basgal.



A consolidação do SERSOCIAL

Por Joel Pugsley

O Departamento Sersocial completou trinta anos de atividades. Em agosto de 2004, sob a liderança do então presidente Gilberto Ferreira, reconhecido futebolista, os jovens moradores das proximidades da Sede Esportiva Des. Zeferino Krukoski, no bairro Guarituba, em Piraquara, ficaram fascinados pela prática do futebol. Foi então que se criou um programa de inclusão, transformado em projeto acrescido de outras modalidades esportivas. E era apenas o Sersocial, mantido por pequeno grupo de associados, cuja colaboração em valores quase simbólicos apenas possibilitava a criança a usar chuteiras e camisa de time. Comemoravam-se datas festivas, Dia da Criança, Páscoa e Natal, com doação dos mesmos amigos. Mas o programa se expandiu, a frequência aumentou e também o número de colaboradores. Aprovado em todos os níveis de atendimento aos menores em situação de risco, de sucesso na aplicação do método, o Sersocial passou a ser uma Diretoria da Associação dos Magistrados do Paraná. E, em 2014, o projeto foi convertido em de Responsabilidade Social, com a contribuição espontânea de 254 magistrados que, mensalmente, doam um valor fixo de 20 reais. Há um sítio informativo na internet www.sersocial.org.br. Consulte-o. Novos contribuintes



Festa de Natal de 2013 com Joel Pugsley e com André Carias de Araújo.





Apresentação de Coral.



Oficina de violão.



Visita ao Parque de Ciências.



Apresentação de Capoeira.

serão bem-vindos.

Atendemos aproximadamente 800 jovens desde a sua fundação. Nem sempre é possível acompanhar o progresso das crianças, oriundas de famílias de baixa renda e de domicílio instável. Para a inscrição no programa exigimos matrícula escolar, boas notas, endereço e estamos em estreita cooperação com o Centro de Referência e Assistência Social, o CRAS, da Prefeitura de Piraquara que, inclusive, disponibiliza um ônibus para o transporte.

Os periódicos da Amapar, Toga e Literatura, Novos Rumos e os informativos regulares vêm divulgado essa atividade. Mas a edição da revista de Responsabilidade Social-Amapar ex-



Entrega de faixas Caratê.



Visita academia de MMA.



Festival de dança.

põe a trajetória do processo, o histórico desta iniciativa e o pronto atendimento dado aos que residem nas imediações da Sede.

Em 2012, na gestão do presidente Miguel Kfoury Neto, foi construído o Ginásio de Esportes da Amapar, atendendo a todos os requisitos exigidos, instalação de vestiários, banheiros, cozinha e entrada independente. O local passou a sediar as atividades esportivas e de lazer promovidas pelo Sersocial. A partir de então, futsal, capoeira, dança e artes visuais passaram a ser ofertados. A Amapar contratou o professor de Educação Física Francisco Guimarães de Carvalho para ordenar as atividades.

Na atual gestão do presidente Frederico



Equipe de Futsal Sub-9.



Equipe de Futsal Sub-10.



Equipe de Futsal Sub-11.

Mendes Júnior conseguimos a aprovação do Sersocial no Fundo da Infância e Adolescência - FIA - e no Conselho Municipal da Criança e do Adolescente - CMDCA -, graças ao trabalho incansável do juiz André Carias de Araújo. Tal registro habilita o Sersocial a receber recursos da Receita Federal. Para tanto, o magistrado, pessoa física, poderá destinar até 6% de seu imposto de renda para os projetos do Sersocial. Instruções a respeito e o procedimento para a doação estão disponíveis no endereço eletrônico.

Em 2012, organizamos a 1ª Copa de Futsal SerSocial, realizada no Ginásio da Amapar, com a presença de equipes de Piraquara, Pinhais, São José dos Pinhais, Colombo e Quatro Barras. Os atletas atendiam às categorias de Sub-09, Sub-11, Sub-13 e Sub-17. Para a realização do certame, o Sersocial forneceu aos seus atletas o material esportivo, uniformes, bolas, campo de futebol gramado, as dependências do ginásio esportivo e dois funcionários, responsáveis pelo zelo da propriedade e demais exigências da competição.

Em 2013, realizamos a 2ª Copa SerSocial, acrescida de outros esportes, capoeira, caratê, de atividades em artes visuais e dança. Passamos a complementar a alimentação, a estimular cuidados de higiene, disciplina nas atividades básicas, despertando valores sociais de boa convivência, inclusive com atendimento aos familiares.

Após campanha de doação de livros, realizada entre os associados, criou-se a Biblioteca Sersocial. São mais de 1500 volumes organizados para atender aos participantes e localizada em local próprio, no Ginásio. Para sua inauguração houve uma Oficina de Direito e Cidadania, ministrada pelo associado juiz André Carias de Araújo.

Em 2014, mantivemos as mesmas atividades em formato de oficina, acrescentando o ensino do violão. Promovemos reuniões

mensais com os pais dos participantes. Cinco equipes participaram da 8ª Copa Piraquara de Futsal, obtendo premiação entre 80 equipes dos municípios de Piraquara, Pinhais e Quatro Barras, sob a coordenação do prof. Francisco G. de Carvalho. Nossos atletas participaram, igualmente, de jogos amistosos, estreitando laços de amizade e confraternização.

Constam do calendário anual, além das práticas de rotina, as comemorações de Páscoa, Festa Junina, Feijoada Fraterna, Dia da Criança, com lanche e lembranças significativas, Natal, com churrasco e presentes e, no ano passado, cem cestas básicas, doadas pelo sr. Nelson Laporte. Em todas as comemorações, os funcionários Danilo Tamanho e Odegair José Bueno foram responsáveis pelo cardápio e, os demais, pelo atendimento. Todos, funcionários, magistrados, seus familiares e crianças atendidas participaram dos jogos e brincadeiras.

A Escola da Magistratura do Paraná, EMAP, na inscrição do Congresso de Direito Constitucional, arrecadou significativa quantidade de latas de leite em pó, destinando-as ao Sersocial.

Em janeiro deste ano, as crianças visitaram o Museu Egípcio, Exposição sobre Os Maias - Civilização e Cultura na América, o Museu do Expedicionário e o Museu Oscar Niemeyer. Nestes passeios foram acompanhados pelo juiz André Carias de Araújo.

Reiteramos nosso muito obrigado aos funcionários da Amapar, Judicemed, Escola da Magistratura do Paraná, que não mediram esforços para colaborar na coleta de doações, na preparação dos almoços, no atendimento às festividades em prol dos bons serviços prestados pelo Sersocial.

Finalizando, cumprimento e agradeço ao Presidente Frederico Mendes Júnior, por seu decidido e integral apoio, proporcionando condições para a efetivação dos projetos, das oficinas e atendimento à juventude daquela região.



Equipe de Futsal Sub-15.



Equipe de Futsal Sub-17.

Equipe de Futsal Sub-13.



Oficina de Direito e Cidadania

Por André Carias de Araújo

Cheguei a Curitiba em 2011. Durante os anos de judicatura e, inclusive pela minha formação, queria proporcionar atendimento aos menores carentes. Crianças e adolescentes em situação de risco. Deparei-me, então, com o programa Sersocial e a prática de esportes destinada a crianças e adolescentes que frequentavam a Sede Esportiva Zeferino Krukoski, em Piraquara. Propus meu apoio a este programa e expus minhas ideias de dar um atendimento complementar ao então presidente de Amapar, juiz Fernando Swain Ganem. Recebi aprovação nos meus propósitos e irrestrito apoio.

Assim surgiu a Oficina de Direito e Cidadania, cujo objetivo é auxiliar a criança a vencer dificuldades sociais, superar problemas de relacionamento, desenvolver sentimentos superiores de respeito e amor ao próximo. A programação inicial, em formato de oficina, contou com palestras, dinâmicas de grupo, transmissão de vídeos educacionais, leituras de jornais, revistas





Inauguração da biblioteca do Sersocial.

Tênis de campo.



e cartilhas sempre seguidos de conversas motivadoras, direcionando os debates, infundindo-lhes confiança e favorecendo a cordialidade. Explicamos sobre aspectos da vida comunitária, direitos e deveres básicos da pessoa, aqueles contemplados na Constituição Federal ou em relação ao Direito Eleitoral, ao Estatuto da Criança e Adolescente. Tratados, ainda, aspectos sobre a violência escolar, familiar e social e, também, acerca dos efeitos deletérios decorrentes das drogas.

O trabalho se expandiu e necessário foi um diálogo com os pais, falando-se da importância da família na estruturação da sociedade e na

formação dos jovens como cidadãos.

Este elo de confiança com os jovens é de elevada relevância, considerando que ao educar não formamos apenas bons alunos, mas cidadãos conscientes de seus deveres éticos e de sua responsabilidade. Busca-se, assim, uma legítima prevenção para os conflitos sociais. Ademais, vale lembrar que crianças e adolescentes atuam como multiplicadores, repassando aos familiares a informação adquirida, estendendo o benefício, fazendo com que a comunidade participe da ação social.

Paralelamente às palestras, iniciou-se a formação de uma biblioteca para os parti-



Joel Pugsley

Nasceu no ano de 1933, em Ipiranga, filho de João Pugsley Filho e Lídia Pugsley. Bacharel pela Faculdade de Direito da UFPR, Turma 1962.

Ingressou na magistratura paranaense em 1986, no cargo de juiz substituto da Seção Judiciária de Londrina. Em 1967 foi nomeado juiz de Direito de Ubatã, removido para Marilândia do Sul em 1967 e promovido para a Vara de Menores de Umuarama. Em 1982 assumiu a 2.ª Vara de Família de Londrina. Aposentou-se em 1986, juiz de entrância final da Capital.

No magistério participou da fundação da Faculdade de Direito de Umuarama – UNIPAR – lecionando Processo Civil. Em Ubatã e Marilândia do Sul foi professor de Educação Moral e Cívica nas escolas secundárias. Na Escola da Magistratura do Paraná lecionou Linguagem Jurídica.

Colaborador da Associação dos Magistrados do Paraná participa das diretorias desde 1990, quando dirigiu o Recreio dos Magistrados, em Pinhais e, em 1993, a Colônia de Férias Antônio Franco Ferreira da Costa, em Guaratuba. Foi vice-presidente na gestão de 1998/99.

Esportista, jogador de futebol, há quinze anos participou do grupo de juízes que desejava dar um atendimento diferenciado às crianças que rodeavam o gramado em Piraquara, durante os jogos de futebol dos juízes nas quartas-feiras e sábados. Responsabilizou-se pela organização e divulgação daquela proposta, garantindo sua efetiva realização, que resultou no Departamento Sersocial do qual é seu diretor. ✍

cipantes e seus familiares com acervo de livros, jornais e revistas, oferecidos por empréstimo. Além das palestras, debates e conversações a respeito, acrescentamos outras atividades culturais, passeios e visitas a museus. O intento é despertar o interesse dos jovens pela cultura, por meio da contextualização da experiência vivida. O objetivo futuro é ampliar essas visitas externas, pois são extremamente motivadoras.

Posso dizer que sou imensamente grato em poder retribuir, ainda que de forma restrita, o que a vida me proporcionou e de participar da construção de um mundo mais justo e solidário.

André Carias de Araújo

Nasceu em Curitiba, em 28 de março de 1978, filho de José Tadeu Vasconcelos Araújo e Judimar Carias de Araújo. Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Turma 2001. Ingressou na magistratura paranaense em 2006, tendo judicado nas comarcas de Wenceslau Braz, Irati, Santa Helena, Bandeirantes, Colombo e, atualmente, desempenha suas funções perante o Núcleo de Conciliação das Varas de Família e Sucessões de Curitiba. É mestrando em Direito do Estado, na UFPR, e possui especialização em Direito Processual Penal pela PUC, 2002-2003, Direito Penal pela UFPR, 2003-2004 e em Direito Processual Civil pela Universidade Anhangüera-UNIDERP, 2012-2013). É professor de Direito e Cidadania no Projeto Sersocial, mantido pela Associação dos Magistrados do Paraná. ✍



Frederico Mendes Júnior - Barco ao Entardecer (1998) - Óleo sobre tela 80x60cm.



Amapar *58 anos*

Idealismo, dedicação e trabalho

Por Fernando Ferreira de Moraes

Participar da construção do prédio da sede administrativa da Amapar, primeiro como diretor do Departamento do Patrimônio e integrante da Comissão de Obras por duas gestões e, depois, como diretor do Departamento de Obras e presidente da Comissão respectiva, foi uma realização pessoal, uma participação prazerosa e um grande desafio.

Já tinha conhecimento da dedicação exaustiva de colegas em gestões anteriores, desde a compra do terreno, na gestão Paulo Roberto Vasconcelos, amigo e colega de turma, que deu início à efetivação desse sonho. Depois, o projeto arquitetônico, na administração do colega e também amigo Gil Francisco de Paula Xavier Fernandes Guerra, e a construção civil sob a supervisão do igualmente companheiro Fernando Swain Ganen, para, finalmente, sob o comando do atual presidente, Frederico Mendes Júnior, concluir a obra “casa própria” da nossa Associação.

Iniciei o trabalho com participa-



José Antônio de Lima
Casulos
Óleo sobre tela
196x156cm.



Recepção do auditório.

ção moderada, diante da atuação temporária no Tribunal Regional Eleitoral, mas com o passar do tempo e a experiência de reformas em todos os prédios de fóruns em que trabalhei, vi a necessidade de participação mais efetiva, primeiro com a presença semanal e, com o avanço dos serviços em execução, com a presença diária na obra, chegando a incentivar colegas também a essa participação, que resultaria em serviços de melhor qualidade com menos desperdício de materiais e bom rendimento na produtividade.

Assim é que o meu envolvimento acabou sendo mais intenso a caminho do final da obra, no último ano, na fase de acabamento, com controle mais apurado dos gastos, também na escolha ou alteração de materiais, na cobrança da boa execução dos serviços, na coordenação de atuação de setores distintos, inclusive nas

instalações especializadas, até o layout de móveis, distribuição funcional da Amapar e Judicemed e, finalmente, na decoração com móveis de estilo, objetos e obras de arte, finalizando assim a obra como um todo.

É claro que, por carência de recursos e também por estratégia, a loja do térreo (400m²) e os dois primeiros andares (800m² cada), todos para locação (visando ser um prédio autossustentável), não foram concluídos, por decisão da Comissão de Obras, da Diretoria, com a anuência da Presidência, sendo que tão logo ocorram as locações, serão também concluídas. Mas a sede administrativa e o espaço cultural estão completamente terminados. Os móveis, objetos decorativos, como papéis de parede, lustres foram todos adquiridos em lojas em promoção ou distribuidores e fornecedores diretos de fábrica e as telas e escultura foram,



Auditório.

Salão de festas.



José Antônio de Lima
Casulos Estilizados I
Óleo sobre tela
150x150cm





José Antônio de Lima
Casulos Estilizados II
Óleo sobre tela
150x150cm

**Átrio da Amapar
e salão de festas.**





Fernando Ikoma
Dom Quixote
Óleo sobre tela
70x50cm.

Escultura de Clécio Coser.



Gabinete da Presidência.

Renê Tomczack
Arredores de Porto Amazonas
Óleo sobre tela
80x90cm.





Sidney Mariano
Alagados
Técnica mista
70x155cm.

**Sala de reuniões da
Presidência da Amapar.**





Fernando Ikoma
Trigal
Óleo sobre tela
100x60cm.

Belmiro Santos
Travessia de Paranaguá
Acrílico sobre juta
80x100cm.



Recepção da Amapar.





Sidney Mariano
Vaso de Flores
Técnica mista
105x125cm.



Secretaria da Amapar e sala de estar.



Antessala da Presidência.



Alceu Rogoski
Plantação de lavanda
Acrílico sobre tela
70x160cm.

na grande maioria, obtidas junto aos próprios artistas de renome no meio artístico, cada um ao seu estilo e de escolha pessoal, de quem cultiva o gosto pela arte.

Aí está a sede da Amapar/Judicemed, com a minha marca, com muito orgulho, que apesar do sacrifício pessoal, familiar e profissional que enfrentei, valeu muito a pena, porque foi a contribuição que pude oferecer à nossa Associação, ao atingir os trinta e um anos de magistratura e quarenta e um de Tribunal de Justiça do Paraná.

Agradeço a todos os colegas que participaram das Comissões, ao colega Gil César Dantas Bruel que doou todas as poltronas do auditório (com a justificativa de que o fazia por ver a minha dedicação), aos funcionários tanto da Amapar quanto da Judicemed, que me prestaram auxílio em várias oportunidades, especialmente a Márcia Borges, do Setor de Compras, aos fornecedores e prestadores de serviço da obra, que aturaram as minhas cobranças e exigências cotidianas até o resultado final e, finalmente, aos caríssimos Presidentes da Amapar que, cada um ao seu tempo, acreditaram no trabalho de todos os colegas das Comissões e especialmente ao Frederico que confiou irrestritamente no meu trabalho a frente da finalização da obra.

Concluo afirmando que atuei como se estivesse construindo a minha casa, sem nenhum outro interesse, senão o de colaboração e, porque não, também o de realização pessoal, já que esse ramo poderia ser o de minha atividade profissional, não tivesse eu escolhido o Direito, com o qual mantenho laços ainda mais estreitos.



Érico da Silva
Cataratas do Iguazu
130x100cm.



Danielle Henning
Floral Estilizado
Acrílico sobre tela
80x80cm.



Sala de reunião
da Amapar.





Sala de imprensa e eventos.

Alceu Rogoski
Caminho com Pinheiros
Acrílico sobre tela
110x78cm.





Paulo Gambus
Copas de Pinheiros
Acrílico sobre tela
50x70cm (vertical e horizontal).

**Gerência - Assessoria
Jurídica da Amapar.**





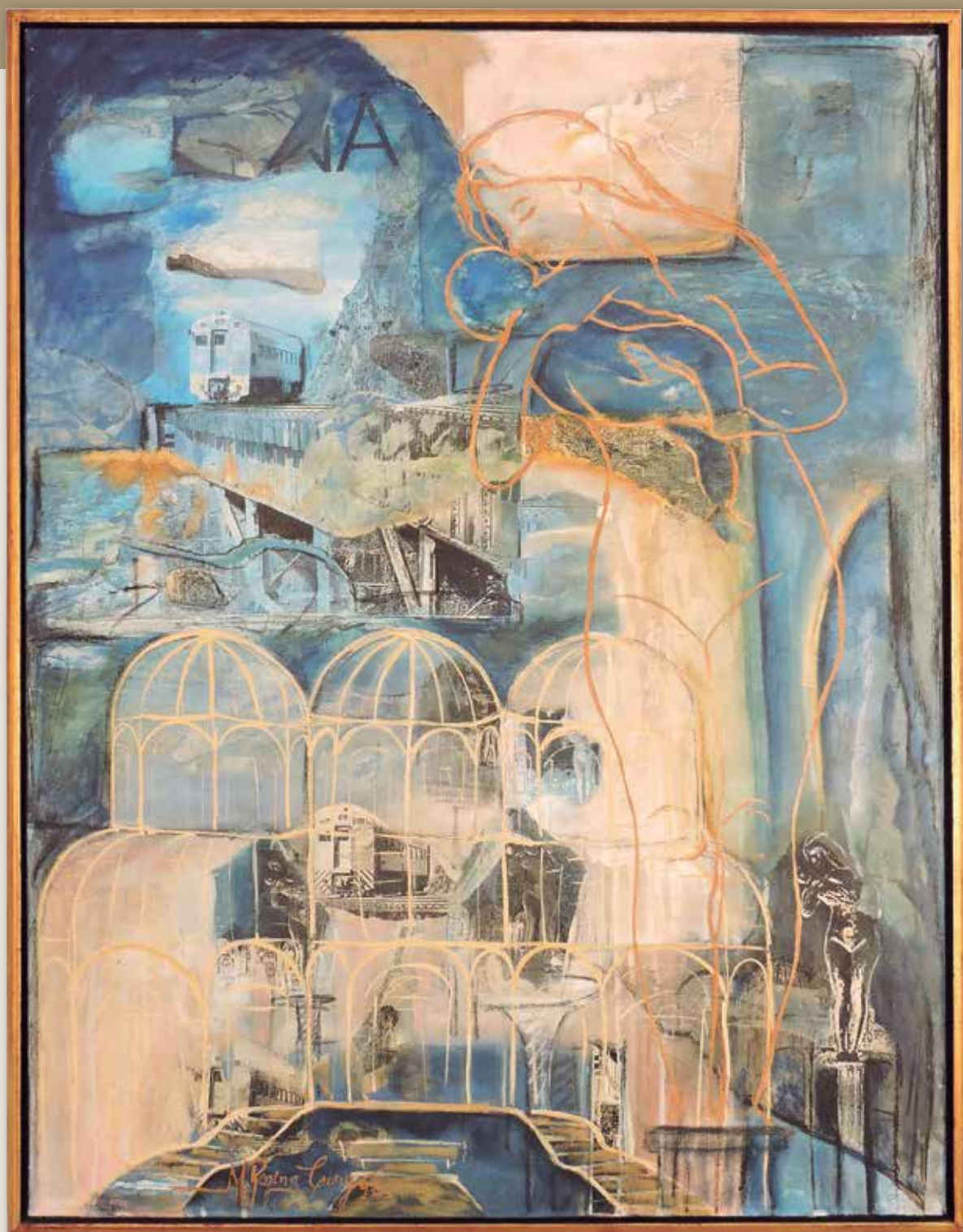
Belmiro Santos
Morretes Color
Acrílico sobre tela
120x80cm.

Leon Bosco
Pinheiros com lago
Acrílico sobre tela
80x60cm.



**Recepção, sala de estar e
atendimento da Judicimed.**





Maria Regina de Quadros Cury - Curitiba 300 anos - Óleo sobre tela 75x100cm.



Reginaldo Carvalho
Cena Rural
Óleo sobre tela
68x47cm.



**Sala de atendimento
da Judicemed.**



Secretaria e serviço social da Judicemed.

Vinícius Fernandes Silva
Pinheiros em Camanducaia
Acrílico sobre tela
70x60cm.





Renê Tomczak
Várzea do Rio Verde - arredores de Araucária
Óleo sobre tela
70x60cm.



Secretaria da Judicimed.

Fernando Calderari
Marina com barco
Óleo sobre tela
73x73cm.

Gabinete do superintendente da Judicimed.





Credenciamento e auditoria da Judicemed.

**Antessala
Serviço social
Judicemed.**



**Álvaro Borges Jr.
Casario Estilizado**
Acrílico sobre tela
80x60cm.





Reginaldo Carvalho
Pinheiros do Parque Iguazu
Óleo sobre tela
90x70cm.



**Vice-presidência, diretoria administrativa
e financeira da Judicemed.**




Funcionários da Amapar, Judicemed e Emap - Gestão 2014/15 - Frederico Mendes Junior.

Fernando Ferreira de Moraes

Sua colaboração à Justiça vem de longa data, 1974, quando exerceu as funções de auxiliar jurídico no Tribunal de Justiça do Paraná. Bacharel pela Faculdade de Direito Curitiba, Turma 1979. Ingressou na magistratura em 1984, após frequentar a primeira turma da Escola da Magistratura do Paraná. Exerceu a judicatura nas comarcas de São José dos Pinhais, São Mateus do Sul, Castro, Araucária e Curitiba. Atualmente é juiz substituto em 2º Grau.

Na Amapar, desde o início da carreira, participou de suas diretorias, demonstrando solidariedade e companheirismo. Coordenador da região de União da Vitória, diretor da Casa do Magistrado Aurélio Feijó e, nas últimas gestões, diretor de Patrimônio e, atualmente, diretor de Obras.

Na construção do Edifício Francisco de Paula Xavier Neto, sede da Amapar/Judicemed, teve participação decisiva em todas as etapas da construção. Criterioso, dedicou especial atenção ao desempenho dos engenheiros e de seus operários, exigindo o cumprimento do cronograma e o previsto acabamento. Concluída a obra, proveu sua instalação, adquirindo e dispondo o respectivo mobiliário, tornando o ambiente peculiar e agradável. Com arte e sensibilidade adquiriu as peças decorativas e telas de pintores paranaenses, novos talentos, emolduradas em harmonia, para compor o Acervo Artístico da Amapar. 



Frederico Mendes Junior é filho do amor que rompeu barreiras culturais e uniu seu pai, Frederico, e sua mãe, Akiko, filha de japoneses imigrantes. Criou-se nos terrenos arenosos de Paranavaí e saiu de lá para habitar uma fria carteira do curso de Direito. Em Maringá conheceu – e amou – a ciência que lhe deu a lei e a toga: *pathos, thelos* e *vocatio*. E como se o grande amor pela doutrina já não lhe bastasse, amou Adriana no tempo certo. O amor fez-se Pedro e Cecília. Diz-se que o personagem central da história de Frederico é tal amor, que nutre de sabedoria e respeito, que prova que na força sensível do amor cai por terra qualquer barreira.

Por Elton Sadao Tada,
professor universitário,
doutor em Ciências da
Religião, escritor.

Frederico Mendes Júnior - Cunhã-porã - Argila.



Frederico Mendes Júnior - Cecy - Argila.



Frederico Mendes Júnior - Rosas no Vaso Rosa (1995) - Óleo sobre tela 70x60cm.